

A CASA TOMBADA

FACONNECT

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação

**QUANDO ESCOLA E EDUCADOR TORNAM-SE
PARCEIROS DA CRIANÇA NO ACESSO
AO LIVRO PARA AS INFÂNCIAS**

Christiane Maia Azeredo

São Paulo – SP
2023

A CASA TOMBADA

FACONNECT

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação

**QUANDO ESCOLA E EDUCADOR TORNAM-SE
PARCEIROS DA CRIANÇA NO ACESSO
AO LIVRO PARA AS INFÂNCIAS**

Christiane Maia Azeredo

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA PÓS-GRADUAÇÃO, NÍVEL ESPECIALIZAÇÃO, NO CURSO *O LIVRO PARA INFÂNCIA: PROCESSOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO*. A CASA TOMBADA / FACONNECT - SP. SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA CRISTIANE ROGERIO.

São Paulo – SP
2023

**QUANDO ESCOLA E EDUCADOR TORNAM-SE
PARCEIROS DA CRIANÇA NO ACESSO
AO LIVRO PARA AS INFÂNCIAS**

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o meu percurso como educadora e formadora, compartilhando especialmente minha trajetória na busca da própria formação e atuação junto a equipes de educadores em Escolas da Infância, percurso esse que foi alimentado, ampliado e transformado no decorrer dos estudos e reflexões gerados durante a Pós O Livro para a Infância: processo de criação, circulação e mediação, n'A Casa Tombada. O objetivo é relatar algumas experiências realizadas por mim neste percurso que incentivaram e embasaram a prática de mediação de leitura e circulação do livro entre as crianças, os educadores e as famílias a partir dessas reflexões e dos projetos desenvolvidos na escola em que trabalho como diretora pedagógica, em outros espaços escolares e ateliê on-line.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação. Memória. Leitura. Infância. Arte. Práticas pedagógicas. Formação do leitor literário.

SUMÁRIO

- Introdução – Para início de conversa	5
1 - Da infância para a vida adulta e “madura”, o que me provoca e me faz desejar e crer ser possível mudar em mim e no meu entorno, na busca de um mundo melhor para todos? Como a literatura para as infâncias pode afetar e contribuir neste processo?	
1.1 - Quando e como surge a educadora em mim?	8
1.2 - Como o livro para as infâncias abre alas para a minha formação leitora?	10
1.3 - Por que os caminhos de formação alimentam e instigam minhas ações?	13
2 - Como a Educação para as infâncias pode ser mediação e possibilitar o acesso ao livro de forma diversa, plural, democrática, ética e estética?	
2.1 - De que criança, infância ou infâncias falamos?	15
2.2 - Quem é o Educador potente voltado para essas infâncias?	17
3 - Quais ações como educadora e formadora já iniciei e pretendo ampliar?	
3.1 - A formação leitora e o acesso ao livro	22
3.2 - Como a escola pode contribuir para que o acesso à literatura seja assegurado tanto aos educadores como às crianças?	27
3.3 - Da vivência à partilha	35
4 - Um final que emerge como começo	
4.1 - Final ou recomeço?	44
4.2 - E a minha história já não é mais minha, é nossa	46
- Referências que me acompanharam	47

Para início de conversa, reproduzo uma proposta de escrita de uma carta intitulada Caminhos para o TCC solicitada pela Coordenação da Pós O Livro para a Infância n'A Casa Tombada, no decorrer do curso, que vejo como uma apresentação de que caminhos pensei, um dia, percorrer neste texto de Trabalho de Conclusão.

Início esta escrita buscando palavras que revelem meu desejo AQUI E AGORA. Encontro-as na apresentação redigida por Stela Barbieri, em junho de 2019, para o livro Buscar indícios, construir sentidos, de autoria da Graciela Montes, em um trecho que ela cita Virginia Kastrup, quando diz que “ao aprender, inventamos nós mesmos e o mundo”. É aí que decido me apropriar dessas palavras para rascunhar um título para o meu trabalho. Então, recomeço.

Ao aprender, inventamos nós mesmos e o mundo.

E já no recomeço, crio problema e questiono: posso tornar minhas as palavras de outros, usando-as no título do meu texto? Se me identifico e ali encontro o que acredito, posso pegá-las emprestado para abrir portas para esta escrita? Seria transgressão ou aprendizagem juntar minhas palavras às de outros e reconhecer que a minha história, mesmo narrada em primeira pessoa, é constituída de palavras, vozes e histórias de outros? Para nutrir meus questionamentos, trago aqui, texto de Luiza Christov, professora do Curso da Pós O Livro para Infância: “E toda escrita de si é de muitos porque um corpo carrega e é carregado pelos contos herdados, pela língua herdada, por discursos alheios.” (CHRISTOV,p.13, Artigo ESCRITA DE SI E TEXTO ACADÊMICO: POTENCIA E CUIDADOS NO CONVITE AO CONHECIMENTO)

Parece que outras pessoas me apoiam nessa possível transgressão. Portanto, opto por escrever meu título sem aspas, acrescentando um RE de recomeço, para contar, de modo sucinto, um pouco do que estou pensando acerca da minha pesquisa. Porém, acredito na literatura como arte, ponte e vida. Portanto, incluo outra afirmativa.

Ao aprender, REinventamos nós mesmos e o mundo.

Ao ler e escrever, potencializamos a nossa voz no mundo.

Vamos lá. Pretendo abordar na minha pesquisa o percurso que me levou a ingressar na Pós do Livro para a Infância, n'A Casa Tombada. Como e por que, aos 58 anos, tenho uma carteira de estudante de um curso que envolve literatura, numa proposta amplificada de vozes de modos de ver e estar no mundo.

Da infância para a vida adulta e “madura”, o que me provoca e me faz desejar e crer ser possível mudar em mim e no meu entorno, na busca de um mundo melhor para todos? Como a literatura para as infâncias pode afetar e contribuir neste processo? Como a Educação pode ser mediação e possibilitar o acesso ao livro, de forma diversa, plural, democrática, ética e estética? Quais ações eu já iniciei e posso ampliar?

Quais referências me provocaram e nutriram a minha esperança, meu olhar, minha escuta, minha vida? Paulo Freire, Manoel de Barros, Emília Ferreiro, María Emília Lopes, Cecília Bajour, Graciela Montes, Stela Barbieri são algumas dessas referências. Na Casa Tombada, pude encontrar vozes potentes e sensíveis que as amplificaram, como Heloisa Pires Lima, Bel Santos Mayer, Ananda Luz, Anna Luiza Guimarães, Camila Feltre, Cristiane Rogerio, Leticia Liesenfeld, Edith Derdyk, Sofia Lemos.

E qual formato pretendo utilizar para registrar a minha pesquisa? Bom, penso em trazer relatos do meu percurso da infância que me levaram a ser educadora, alguns registros de ações formativas que realizei envolvendo a literatura e artes plásticas, algumas produções e fotografias, projetos e sonhos que me acompanham. Para fazer essa coleta de material, escolha e registro, terei que encontrar um tempo, pois entro agora numa fase de correção de relatórios e finalização de ano na Escola. Já sei que não será fácil. Ainda não pensei como vou fazer para dar conta, mas sei que vou conseguir.

***“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra
e a leitura desta implica a continuidade daquela.” Paulo Freire***

***Christiane Maia Azeredo
Carta – Caminhos para o TCC***

***Proposta realizada para o Curso de Pós-Graduação O livro para infância: processos de criação, circulação e mediação
A Casa Tombada***

1

Da infância para a vida adulta e “madura”, o que me provoca e me faz desejar e crer ser possível mudar em mim e no meu entorno, na busca de um mundo melhor para todos?

Como a literatura para as infâncias pode afetar e contribuir neste processo?



Chris Maia

Das partes ao todo

12-08-2021

**Colagem elaborada durante
o Ateliê de Colagem
coordenado por Sofia Lemos**

1.1- Quando e como surge a educadora em mim?

“ A infância que não passa é uma segurança e um gesto em ir, ao mesmo tempo, em todas as direções que se abrem, tomando cada uma por ela mesma, por ela só, indo o mais longe possível: tocar, cheirar, provar, apalpar, olhar ou ouvir fixamente, ser capturado por aquilo que os penetra, formar, modelar, projetar, sacudir, e, de cem formas, aquilo que chamamos “brincar” ... NANCY, JEAN-LUC. *Le muses*. Paris: Galilée, 2001, p.168.

Quando criança, brincar era minha atuação no mundo. Imaginar, inventar, criar, “liderar” eram comuns nas minhas manhãs e entardeceres na rua com outras crianças e em casa com minha família. Nas tardes, nas escolas em que estudei, pela brincadeira ser mais controlada e a obediência a algumas regras me provocarem a discordar, eu colecionava ideias de fazer diferente e as praticava posteriormente com minhas bonecas, dando aulas bem mais interessantes daquelas a que eu assistia muitas vezes passivamente e contrariada. Lembro que o que mais me agradava era poder estar com amigos e amigas, lembro também com gosto dos ensaios para teatro musical e aulas de técnicas de arte e artesanato. Felizmente, em um determinado ano escolar, se não me falha a memória foi em 1974, tive uma professora que me inspirou com a sua maneira criativa de ensinar e com as histórias que contava, reais e literárias. Através dela, escutei uma história que ficou na minha memória afetiva e que, bem mais tarde, reencontrei o texto escrito e ilustrado, no livro *A árvore generosa*, de Shel Silverstein, editado pela Cosac Naify.

*Eu, minhas amigas e
minha irmã. Devia ter
3 para 4 anos.*



*Eu e minha irmã
brincando na rua
e com nossas
roupas de
escoteiras.*



Poucos livros para a infância tive acesso quando criança. Era de Macaé, uma cidade de interior em que a literatura infantil vinha de tempos em tempos junto a enciclopédias vendidas de porta em porta. Livros eram presentes raros. A Coleção intitulada Fábulas Encantadas, que tenho até hoje na minha biblioteca, foi um desses presentes e habitou minhas leituras por volta dos anos de 1972 e 1973. Essa Coleção era composta por livros bem grandes em capa dura, com narrativas bem elaboradas e belas ilustrações que tomavam grande parte das páginas e alimentavam meu imaginário. Porém, na primeira infância, não foram eles a nutrição mais potente para minhas práticas inventivas como professora de bonecas ou artista da família. Era o brincar livre, a liberdade de estar próxima à natureza, a rotina afetiva e encorajada de uma família composta por pai, mãe, meus 4 irmãos e eu, caçula, mimada e empoderada para perguntar e inventar sempre que quisesse. Crescendo, fui acompanhando minhas duas irmãs professoras, as primogênitãs, preparando aulas e encontros de grupos jovens, fazendo cartazes e inundando o ar com cheiro gostoso de álcool do mimeógrafo, tornando possível a magia da impressão de textos em folhas de papel. Admirava encantada o que faziam. Para aumentar ainda mais a minha admiração, sentada na soleira da porta de uma sala de aula, guardo na lembrança momentos em que acompanhei uma delas em algumas aulas noturnas de alfabetização para adultos. Fui fisgada aí por esse desejo de me tornar, como minhas irmãs, uma professora. Passei a imaginar como seriam as minhas salas de aula para crianças e acrescentei ao sonho poder um dia também alfabetizar adultos.



**Fábulas
Encantadas**
ABRIL
CULTURAL
1972



*Pequerrucha -
minha
personagem
preferida desta
coleção*

1.2- Como o livro para as infâncias abre alas para a minha formação leitora?

Iniciei minha formação no Magistério no Curso Pedagógico, numa escola particular em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1979, com 15 anos, considerando que nele concluiria meus estudos, pois meu desejo era atuar logo como professora, como assim o fiz, com 17 anos. Não pretendia cursar universidade. Meu pai sugeriu que “fizesse vestibular somente por fazer”, na verdade, acreditando que “uma vez iniciando uma Faculdade, iria gostar e não ia querer sair”. Dessa forma, passei, entrei num curso de Pedagogia com 18 anos, fui me encantando por aprender, e de lá para cá, passaram-se 42 anos e muitos cursos: Pedagogia, Fonoaudiologia, Especialização em Psicomotricidade, Psicopedagogia, Arte Educação e, finalmente, n’A Casa Tombada, a Pós-Graduação O Livro para Infância.

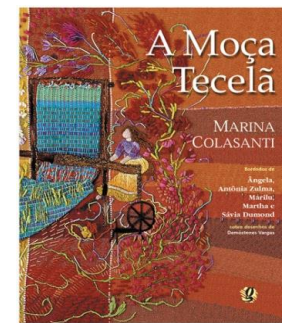
Nesse percurso, de 2005 a 2016, três anos após o nascimento da minha filha, na busca de cursos que unissem teorias a práticas consistentes e coerentes com princípios construtivistas¹, participei de inúmeras formações na Escola da Vila, em São Paulo, viajando para essa cidade com frequência, além de seminários itinerantes e cursos mais longos anuais na Escola Andrews, no Rio de Janeiro, que tornou-se uma escola polo parceira para a equipe da Escola da Vila realizar as formações em outro estado. Foi através da Escola da Vila que a literatura infantil me encantou e iniciei fortemente uma biblioteca pessoal, tornando-me uma leitora apaixonada e voraz dos livros para as infâncias, como relato a seguir na resenha-afetiva elaborada a partir do exercício sugerido por Cristiane Rogerio, professora e Coordenadora do Curso da Pós O Livro para a Infância n’A Casa Tombada.

¹ “A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte do fato óbvio de que a escola torna acessíveis aos seus alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não só no âmbito cognitivo; a educação é motor para o desenvolvimento, considerado globalmente, e isso também supõe incluir as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e motoras. Ela também parte de um consenso já bastante arraigado em relação ao caráter ativo da aprendizagem, o que leva a aceitar que esta é fruto de uma construção pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende; os “outros” significativos, os agentes culturais, são peças imprescindíveis para essa construção pessoal, para esse desenvolvimento ao qual aludimos.”

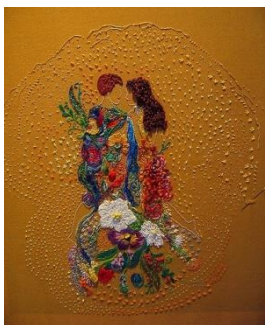
SOLÉ & COLL, p.18,1998

Uma história de amor, força, encantos e desencantos

O livro que escolho para afetivamente resenhar é *A moça tecelã*, um conto de Marina Colasanti, uma das mais premiadas escritoras da literatura brasileira, autora de inúmeros títulos publicados no Brasil e no exterior, dentre eles livros de poesias, contos, crônicas para crianças, jovens e adultos. As ilustrações são de Demóstenes Vargas, bordadas pela Família Dumont, e transformam as páginas duplas em belíssimas tapeçarias, que acolhem palavras, dentre fios, traços e cores. Editado pela Global, em 2004, contou com primoroso projeto gráfico de Eduardo Okuno.



Escuto esse conto moderno pela primeira vez em 2005, na voz de uma professora que me encantou com a magia da arte literária, em um curso em São Paulo, e adquiro o livro nesse momento em que dava novos passos na minha formação profissional, após três anos do nascimento da minha única filha. Na época, com 41 anos, casada há 11, este conto me tocou profundamente pela poética, pelas metáforas, por dar luz à liberdade de escolha e possibilidade de tecer recomeços. O amor, o desejo e a força para transformar a própria vida são as sementes do texto, esse literalmente tecido nas tramas da voz de uma moça mulher, em relação com seu homem, num tempo descrito e vivido pelos ciclos da natureza. De certa forma, questões da protagonista entrelaçaram-se às minhas, e me identifiquei com sua coragem, entrega e determinação. E como a literatura se nutre da vida e a vida é nutrida pela literatura, nada como uma boa história para nos ajudar a olhar pra si, através das personagens, não é mesmo?



Mas sendo tão intenso, é realmente esse um livro para a infância? Sim, é um livro que investe no potencial do leitor infantil e conduz leitores de todas as idades para caminharem na ponte entre o conto maravilhoso clássico e moderno, compartilhando uma história de amor vivida por uma protagonista mulher, ativa e decidida a alcançar seu desejo de viver intensamente e feliz. Ela, uma tecelã que bordando transforma sonhos em realidade, escolhe um dia ter um parceiro e lhe dá vida. Ele, por sua vez, usufrui do seu amor e quer mais e mais. Ambos desejam, interagem e se transformam, mas o poder de tecer e destecer permanece com a mulher, já que "Tecer era tudo que fazia. Tecer era tudo que queria fazer." Esse é um livro que abre espaço para boas conversas com temas que em qualquer tempo e lugar são relevantes na construção de uma sociedade humanizada na qual o ser deve ser preponderante ao ter, e os direitos e o respeito devem ser usufruídos por todos.

Christiane Maia Azeredo

Junto aos cursos envolvendo literatura, as artes visuais passaram a ser também meu foco de estudo e, interessada numa “pedagogia da escuta”², em que a ética, o sensível e as múltiplas linguagens estivessem presentes e fossem verdadeiramente contempladas como princípios numa prática participativa e libertadora, conheço a abordagem malaguzziana² e participo, durante cinco anos, de 2015 a 2020, de cursos na Escola de Infância e Centro de Estudos Ateliê Carambola, também em São Paulo. Tendo sido somente o último curso alterado do formato presencial para curso à distância, on-line, devido à pandemia da COVID-19.

As artes visuais e a literatura para as infâncias me tomam por completo. Quando aparece a oportunidade de cursar on-line a Pós-graduação do Livro para a Infância n’A Casa Tombada, abraço-a e tenho a felicidade de encontrar em um mesmo curso uma proposta pedagógica que aproxima, mesmo que pelas telas, leitores apaixonados pelo livro e pela infância, autores escritores/ilustradores - admiráveis artistas - numa troca mediada pela escuta, pelo diálogo, de forma democrática, diversa, que une e amplia vozes e visões de mundo e humanidade. Um curso que é casa de encanto, encontro, coragem e esperança.

*² Ao citar uma “pedagogia da escuta”, refiro-me à escuta do pensamento referenciada por Carla Rinaldi como “ética do encontro edificado sobre a receptividade e hospitalidade ao Outro – uma abertura para a diferença do Outro, para a vinda do Outro.”

²“O trabalho com a ética de um encontro na pedagogia da escuta requer que o educador pense no Outro como alguém que ele não pode aprisionar, e que desafia todo o cenário da pedagogia. Pois a pedagogia do escutar representa ouvir o pensamento – ideias e teorias, questões e respostas de crianças e adultos; significa tratar o pensamento de forma séria e respeitosa; significa esforçar-se para extrair sentido daquilo que é dito, sem noções preconcebidas sobre o que é certo e apropriado. A pedagogia da escuta trata o saber como algo construído, em perspectiva e provisório, e não a transmissão de um corpo de conhecimentos que transforma o Outro num igual.” (RINALDI, 2014, p.43)

Loris Malaguzzi em 1963 inspirou a pedagogia da primeira escola municipal em Reggio Emilia e guiou a experiência por quase trinta anos seguintes. Carla Rinaldi relata em seu livro *Diálogos com Reggio Emilia*² – escutar, investigar e aprender, que Malaguzzi sempre lhes pedia para começar com as crianças ao tentarem reformular tanto a epistemologia de ensinar e aprender quanto o papel do professor e do aprendiz no processo educativo. Ele expressava assim sua ideia: “Devemos dar um imenso crédito ao potencial e ao poder que as crianças possuem. Devemos nos convencer de que as crianças, assim como nós, têm poderes mais vigorosos do que nos disseram que tinham, poderes que todos nós possuímos - nós e as crianças temos potencial ainda mais forte do que acreditamos. Devemos entender como, sem ao menos perceber, fazemos tão pouco uso do potencial de energia que temos dentro de cada um de nós.” Carla Rinaldi nos conta que “Malaguzzi ressaltava que o problema da escola (e além) é, acima de tudo, relacionado à falta de percepção e à subutilização de todas as inteligências, habilidades, aptidões e conhecimentos que possuímos. O problema, assim, é comum a todos nós – crianças, adultos e professores”.

(RINALDI, 2014, p. 107)

1.3- Como os caminhos de formação alimentam e instigam minhas ações?

Escolho partilhar um pouco da minha história, resgatando minha memória, por acreditar que o que vivi e vivo alimentou e ainda nutre a minha prática. Sonhos e ideais foram sendo construídos no meu percurso como estudante, inspirando-me como professora e formadora.

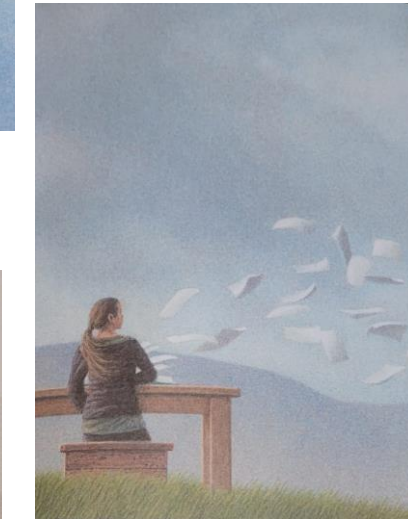
A minha infância feliz, constituída pelo brincar, pelo afeto, escuta e interações diversas, provoca-me um movimento de resistência em prol de que todas as crianças possam viver esta etapa da vida de forma saudável, sendo respeitadas em seus direitos, valorizadas em seu potencial, escutadas e estimuladas nas suas variadas formas de expressão.

O pouco contato que tive com a literatura não só na tenra idade, mas também nas formações de Pedagogia, Fonoaudiologia e Psicopedagogia, instiga a agir e promover encontros com os livros para a infância, possibilitando o acesso, conhecimento e encantamento a essa linguagem artística não só às crianças, mas também aos educadores dentro e fora das escolas.

Por fim, mudanças que vivi a partir dos livros que li, histórias que ouvi, pessoas e personagens que conheci geraram desejo de partilha, força, resistência e esperança de que mais e mais pessoas, de todas as idades, culturas, comunidades tornem-se leitoras de literatura, encontrem-se com a arte e a diversidade, ampliem suas visões de si, dos outros e do mundo e alimentem também com poesia, sensibilidade e imaginação seus dias nesta Terra, que é de todos nós.



“Ele mira desconhecidos lugares.”



“Seus livros arriscam voos perfeitos.”

“E ele sabe o que propagar.”

Imagens e citações do livro Na terra dos livros³, de Quint Buchholz, ed. Panda Books, que vêm ao encontro do que os livros que li provocaram em mim.

2

Como a Educação para as infâncias pode ser mediação de leitura e possibilitar o acesso ao livro de forma diversa, plural, democrática, ética e estética?



Chris Maia

Cores, texturas, linhas
Vida em natureza

25-01-2022

Colagem elaborada durante o Ateliê de
Colagem coordenado por Sofia Lemos

2.1 - De que criança, infância ou infâncias falamos?

A protagonista desta prosa é a criança. Se é para ela, para estar com ela, é preciso revisitar como a pensamos. De qual criança falamos? Apoio-me em algumas leituras e reflexões. Uma delas provocada pela professora Luiza Christov, doutora em educação, professora da pós-graduação em Artes da UNESP e que é professora do curso O Livro para a Infância, a partir de seu texto Caminhos, cuidados e perguntas de uma perspectiva plural para a palavra infância⁴, que compõe os Anais do Simpósio Internacional – formação de educadores em arte e pedagogia (SP /2015). Ela traz a infância ou as infâncias como categoria, como conceito para explicar um grupo específico da população humana com certas características próprias, que limita pessoas a um determinado modo de ser. E questiona, analisando a etimologia das palavras criança e infância, qual seria seu melhor uso em função de qual dos termos nos aproxima mais dessa pessoa potente, viva, questionadora e inventiva.

As considerações a respeito de que essa categoria seria mais adequadamente utilizada no plural, uma vez que são muitos os modos como a infância se manifesta em nossa realidade social e ao longo dos tempos, perguntamos se não seria mais adequado implodir a categoria e usar a palavra criança...também categoria, também classificadora, porém se tomarmos a origem etimológica da palavra criança, temos que vem do latim e traz a raiz creare, do verbo criar. O sufixo ança remete à ação. Tomemos agora a origem da palavra infância, que também se origina no latim e traz a imagem do infante, o que não fala.

Ao menos por essa origem, sugiro que optemos pelo uso da palavra criança no lugar de infância, com plural ou sem.

Infância é palavra que exige de nós o esforço de explicitarmos muitas histórias e muitas opções quando a utilizamos, pois, como vimos no começo desse artigo, são muitas as infâncias.

Quando usamos criança, colocamo-nos mais perto de uma criança, de uma pessoa. Mais próximos de imagens de quem brinca, pergunta, inquieta-se, dança, corre, chora, cai, levanta, olha para o céu, desenha, tem medo, fala sem censura, espiona atrás das portas, começa a escrever, lida mal com os próprios desejos, quer viver, quer viver, quer viver. (CHRISTOV,2015,p.08)

Encontro nas palavras e ideias de Luiza Christov, o conceito de criança que atravessa o meu fazer como educadora e formadora, visto que é o modo de ver a criança como ser criativo e ativo no mundo que me move na busca de sentido nas propostas pedagógicas que incentivo serem realizadas pelos professores e em minhas ações de formação. Também é nessa criança que brinca, pergunta, inquieta-se, olha para o céu, desenha, escreve, tem medo, desejos... e quer viver, que penso como leitora que tem direito às escolhas e acesso aos livros de literatura.

No livro *Um mundo aberto*⁵ – Cultura e primeira infância, da argentina María Emilia López, já na apresentação da versão brasileira, escrita pela psicóloga clínica e psicanalista Patricia Bohrer P. Leite, somos convidados a pensar o quanto “cada criança é extraordinária em sua capacidade e única, ao mesmo tempo que é herdeira das gerações anteriores, com ela nasce uma nova possibilidade, uma nova leitura de mundo, um novo mundo”.

“Para acompanhar as jovens gerações, devemos manter viva nossa curiosidade, nosso assombro brincante. Acompanhar crianças e jovens, hoje, é mergulhar em um mundo surpreendente, rápido, diverso, rico e complexo... Nem sempre de pronto decifrável, compreensível, palatável.” (LEITE, 2018, p.12)

Sendo assim, de nada adianta rever a concepção de infância e criança sem buscar em cada um de nós, adultos, educadores, mediadores de leitura, o nosso olhar curioso, sensível, nosso “assombro brincante”. Exercitando a escuta para as investigações e interpretações das crianças em relação ao mundo, vamos descobrindo ou inventando novos caminhos, ampliando e possibilitando diferentes linguagens que possam permear as relações e experimentações. María Emilia López dedica um capítulo nesse livro à arte na primeira infância e seu valor nas experiências precoces. Considero importante trazer aqui parte dessa reflexão, já que também acredito ser de fundamental importância que as experiências com a diversidade de linguagens artísticas estejam presentes e sejam mediadas pelos adultos que acompanham as crianças na sua exploração do mundo.

“No jogo de linguagem ocorrem simultaneamente dois fenômenos: a elaboração de um psiquismo (fundamento da capacidade de pensar e simbolizar) e o ingresso no território da metáfora, do fazer “como se”, a capacidade de construir a realidade da fantasia. Ali, a criança é capaz de perceber o excesso não funcional da língua, origem da experiência artística.

As crianças pequenas exercitam seu domínio sobre o mundo explorando e construindo significados.(...)

(...) Tudo o que o mundo oferece é oportunidade de exploração e criação para a criança.

Enquanto brincam e criam, elas vão descobrindo o universo em que estão imersas e também vão identificando suas próprias capacidades, suas possibilidades de transformar a realidade. (...) Quando entre os objetos e as experiências que se colocam à disposição estão os livros, a música, a pintura, o cinema, a dança, além de explorar e conhecer o que se coloca em jogo há o nascimento da sensibilidade estética.” (LÓPEZ, 2018, p.48)

2.2 - Quem é o Educador potente voltado para essas infâncias?

“O papel do professor é o de protagonista e é inerentemente respeitado. Esse respeito se deve à competência e à inteligência com que o professor é chamado a desempenhar o seu papel. A definição da identidade profissional do professor, então, não é vista em termos abstratos, mas em contextos, em relação aos colegas, aos pais e, acima de tudo, às crianças, mas também em relação à sua própria identidade e à sua formação pessoal e educacional, além da sua experiência.”²(RINALDI,2014, p. 106)

Sem a intenção de idealizar um único jeito de ser educador ou padronizar formas de mediar leitura, no meu próprio percurso e nas ações formativas que realizo, venho entendendo cada vez mais que a transformação passa inicialmente por nós, adultos, para enxergarmos nas crianças todo seu potencial de exploração e expressão, avançando em nossa escuta atenta e sensível, buscando conhecer mais e mais acerca do desenvolvimento infantil, experimentando modalidades artísticas que vão nos nutrindo enquanto sujeitos e abrindo portas e janelas do e para o mundo, ampliando, assim, formas de ver e agir socialmente.

“Todos os educadores críticos são também educandos.” (FREIRE, 2022, p.69, 11ª ed.)⁶

Tendo Paulo Freire, educador pernambucano referência no Brasil, como inspiração em meus estudos na área da Pedagogia, parto da sua afirmativa para pensar sobre o “educador potente”, não só para as infâncias. No livro Alfabetização: leitura de mundo, leitura de palavra⁷, Paulo Freire e Donaldo Macedo, dentre suas palavras e ideias, reafirmam que “como parte do discurso da alfabetização e da voz, os educadores críticos precisam examinar os interesses sociais e políticos que constroem suas próprias vozes.” E complementam: “Não se trata meramente de aprender a respeito do que os alunos devem saber: trata-se, muito mais, de aprender a como renovar uma forma de autoconhecimento mediante uma compreensão da comunidade e da cultura que constitui ativamente as vidas de seus alunos.” Em acordo, também considero a construção da criticidade a partir do autoconhecimento e a problematização das maneiras contraditórias e múltiplas de ver o mundo aspectos essenciais na formação do educador que pretende fazer boas escolhas em suas ações educativas.

Numa perspectiva de mediação aberta e democrática, valorizando nas ações educativas a relação das crianças com a arte, parece-me que ao educador cabe entender que não há caminhos e respostas únicas, há necessidade de que professores e crianças se comprometam uns com os outros como agentes de culturas diferentes/semelhantes, atentando-se para o perigo de silenciamentos, buscando, pelo contrário, estimular que se afirmem, contem e recontem suas narrativas pessoais pelo exercício de suas próprias vozes, expressando-se por múltiplas linguagens, num intercâmbio sensível e disponível, sustentando a fabulação, o brincar, o afeto, os vínculos e as interações com culturas diversas.

Quando tratamos a Educação como espaço além da transmissão de saberes, entendendo o potencial criativo e construtivo de quem aprende e de quem ensina, o educador revela-se como parceiro, criando oportunidades de aprendizagem, favorecendo a constituição do mundo interior do indivíduo na relação com o mundo exterior, para que assim esse sujeito seja ativo no seu processo de desenvolvimento e em suas ações e criações.

Paulo Fochi, Doutor em Educação e pesquisador nos campos da Pedagogia da Infância, Educação Infantil, Bebês e Formação em Contexto, ao prefaciar o livro *Territórios da invenção – ateliê em movimento*⁷, de Stela Barbieri, considera que o ***professor inventor*** “cria territórios de imaginação, de diálogo, de fantasia, de narração, de experimentação e, por tudo isso, de muitas aprendizagens”. E afirma que “a criação de um professor envolve: a capacidade ímpar de escuta das situações e dos sujeitos a quem endereça seu trabalho; a formação ampliada que precisa viver ao longo da sua trajetória profissional; a abertura dos contextos educacionais em que estiver inserido e a disponibilidade em se experimentar em um mundo de incertezas.”⁸ (FOCHI, 2021, p.06)

Nossas vivências preenchem nossos tempos, recheiam nossos saberes, nossas caixas de palavras, imagens, ideais. Não é tarefa fácil fazer sempre boas escolhas para aproveitá-las de maneira a tornar a vida uma formação plena. Observar, interagir, compreender, mudar, sentir, sofrer, amedrontar-se, enfrentar, crescer implica viver intensamente e nutrir-se de experiências, sejam elas prazerosas ou dolorosas, estimulantes ou limitantes. A busca incessante por crescer é um caminho que exige esforço, determinação, resiliência, autoestima, sonhos. Forças internas e externas geram em nós o movimento para a partida, mas também , por vezes, a parada. Em meu percurso, houve alternâncias desse movimento. As paradas, na maioria das vezes, foram respiro para refletir e encorajar-me a seguir. Porém, alcançar a segunda etapa de um século de vida vem gerando certa imobilidade, não só na disposição física, mas também na crença, perseverança, construção e realização de novos sonhos. É, não é tarefa fácil. Alguns encontros nessas boas escolhas trouxeram-me aqui: neste texto relato, pesquisa, reflexão, projeção. Pude sentir e perceber o quanto a continuidade do estudo em parceria, numa pós acerca da leitura, através de mediações vivas e potentes, foi acolhedor e me impulsionou em momentos em que o desejo despediu-se da ardência, do pulsar forte tão comum em minha trajetória como mulher, mãe, educadora. Morando virtualmente n'A Casa Tombada, histórias, livros, colagens, conversas, aulas, oficinas, partilhas nas mais diversas vozes me nutriram esteticamente, e isso foi preponderante na minha caminhada.

Compartilho e reproduzo a seguir o registro de um exercício sugerido pela Coordenação da Pós do Livro para a Infância, após seis meses do ingresso nesse curso, em que foi proposto um momento de reflexão acerca do que nos tombou até aquela etapa, incluindo nossos espantos até ali e o que acreditávamos estar por vir. Mesmo em dúvida se o que escrevi será compreendido por todos que se entusiasmarem a ler este trabalho de conclusão, escolho partilhá-lo, pois tê-lo aqui é um resgate da emoção daquele momento e um retrato do vivido. E também, por ter sido uma das inúmeras propostas realizadas no curso que fizeram sentido para mim.

“A experiência estética acontece ao longo da vida e nos marca. É uma bagagem que carregamos, uma experiência corporificada que nos traz deslocamentos e/ou perplexidades. Todos temos experiências estéticas, esse manancial do vivido que carregamos conosco.

O educador, como todo ser humano, carrega no corpo suas experiências, que são indissociáveis da prática cotidiana, e trazem algo único para ela. Vale a pena pensarmos naquilo que nos impacta no dia a dia, quais são os aspectos do cotidiano que criam sentido em nossa vida, alimentando ou gerando estranhamentos.”

⁷(BARBIERI, 2021, p.14)

Stela Barbieri

Artista, educadora,
autora e diretora do
Binah Espaço de Arte

O per-curso no Trem da Pós: a nossa viagem

O que me tombou? Uma fita de Moebius fez meus olhos, meu corpo e minha esperança se encontrarem na Turma do Infinito, que nasceu forte e quente! Vieram ferventes e pulsantes as quartas e os sábados. Num desses encontros, ouvi um conto que me transportou para meu percurso de construção e tessitura da minha história; me vi dentro de um vaso que construí e se afunilou com a sensação da idade avançando. Quebrar o vaso ou permanecer dentro dele e sucumbir? Resistência e/ou maleabilidade? Abismo é recomeço? Melhor navegar... Tem narrativa com voz e gesto no anel de vela de barco, tem ateliê se abrindo com casal que escreve, desenha, marca com histórias nossa emoção, deixando até a gente fazer parte da rotina de tomar remédio antes do jantar... Que intimidade é essa com o escritor artista, que a gente é tão fã, que chega a achar que isso tudo é um sonho e vai acordar uma hora. Abra os olhos, Chris! Veja: aquela imagem, aquela frase-verso, aquele livro...quem o fez, hoje, são seus professores!! E para por aí? Não, teve e tem mais. Mais admiração, mais espanto, mais encanto. Tem negritude, tem indígena, tem artista. Gente forte e sensível te puxando pra cima, te puxando para o mundo, te enchendo de vida, perpetuando história, transformando com você sua narrativa, alimentando sonhos, projetos, lembrando que sim, é possível fazer valer o direito de todos à arte, à fabulação, à literatura!

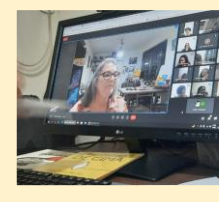
Oual o meu espanto HOJE???? A liberdade da arte, do tanto a conhecer e fazer, do caminho lindo a percorrer, o desejo de vencer o tempo e resgatar a energia para acordar o Sol, compartilhar o Trem e anoitecer com a poesia das fases da Lua.



O que acredita ainda estar por vir? Mais gente boa, potente, feliz entrando nesse Trem, sentando pertinho, trazendo mais histórias, mais sobre os livros, sobre seus processos criativos, sobre caminhos possíveis e transformadores. Que seja infinito enquanto dure, porque está bom demais!!!



3
*Quais ações como
educadora e
formadora já iniciei
e pretendo
ampliar?*



Quando iniciei minha atuação como professora em escola particular e na pública no Município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, não tinha o repertório literário nem a experiência de escrita que fui adquirindo após me tornar coordenadora pedagógica e ampliar minha formação. Pude perceber no decorrer desses anos que outras educadoras também conheciam um limitado número de autores e editoras, assim como detectei que o processo de escrita, seja criativa ou para relatórios descritivos de avaliação dos alunos, é árduo e na maioria das vezes gera desconforto e insegurança. Os professores, no caso do Ensino Fundamental I, de uma maneira geral, dedicam muito tempo à leitura dos livros didáticos e informativos, e também à escrita de planejamentos, exercícios, avaliações e correções das tarefas escolares. O literário, se a escola não tiver em seu currículo conteúdos e tempos dedicados a projetos de qualidade envolvendo a leitura e a produção textual, dificilmente é tema de formação em contexto para estimular e ampliar o repertório da equipe de professores. Na Educação Infantil, considerando o trabalho com bebês, crianças bem pequenas e pequenas, de 4 meses a 6 anos de idade, a leitura e a contação de histórias acontecem de forma alternada e cotidianamente. Porém, essa equipe de professores tem raros momentos de formação na área, seja por busca própria ou como prática dentro da escola. Em ambos os grupos, o acesso aos livros depende de ter uma biblioteca ou sala de leitura nas próprias instituições escolares, já que existe pouca oferta desse espaço pelos municípios, como pude observar em Niterói e em algumas cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro, e não ser frequente a visita quando ocorre de tê-lo nas proximidades. O investimento pelo próprio educador na compra e organização da sua biblioteca pessoal também não é comum por motivos financeiros ou por não ser uma prioridade. Na minha prática como formadora, coordenadora e diretora pedagógica, fiz da minha busca pessoal uma meta e me beneficiei extremamente tanto na leitura literária quanto na escrita, definindo como necessários a aquisição de livros de qualidade sejam literários ou teóricos e os cursos voltados para a didática de Língua Portuguesa, literatura para as infâncias, produção textual, arte e outros. Também priorizei partilhar o que aprendi e as obras que adquiri, seja emprestando ou lendo, com o objetivo de possibilitar ao maior número de pessoas o acesso à diversidade de títulos e autorias, a partir de uma mediação potente, visando o interesse, a motivação, o encantamento e o empoderamento que a leitura e a escrita geram.

Com o intuito de ouvir educadores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I sobre o acesso aos livros e a própria experiência e formação leitora, e para minha facilidade, já que o tempo era curto para poder também compartilhar as respostas neste trabalho de conclusão, enviei as seguintes perguntas para o grupo do WhatsApp de professoras da escola em que trabalho em Niterói, RJ, que atuam nesses segmentos: Qual ou quais dúvidas você tem acerca do livro para as infâncias? No seu percurso profissional, em que momento ou espaço teve acesso a bons livros e/ou boas informações, conversas, mediação sobre literatura infantil? Você se considera leitor(a), por quê? Em escolas que trabalha ou já trabalhou, houve formação voltada para literatura? Foi relevante? Por quê? Gostaria de relatar uma experiência positiva com as crianças? Já fez algum curso voltado para esse tema? Elas responderam livremente. Reproduzo aqui algumas dessas respostas.

“ Sou professora há 28 anos da rede privada de ensino. Vivenciei algumas propostas pedagógicas na Educação Infantil na maior parte desse tempo. Minha inquietação sobre os livros para as crianças sempre foi: “será que livro tem faixa etária?” Até que um dia, eu fiz um projeto para crianças de 4 anos sobre “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga, e foi sensacional! Após esse momento, tornei-me uma leitora ávida da literatura infantil. Atualmente, trabalho em uma escola que valoriza a literatura além das letras. A cada reunião de reflexão e aprendizado sobre leitura, sou levada para além do pedagógico. Os livros abrem portas para a aproximação com os alunos e, dessa forma, estreitando laços de confiança e afeto.

Ana Paula Azevedo
Professora do 3º ano do Ensino Fundamental I

“ A dúvida que tenho seria em relação à faixa etária, às vezes o livro é muito longo, mas com uma bela história, então precisa de tempo para fazer uma leitura e adaptar à realidade da sua criança. Na escola que trabalhei, tinha um educador chamado José Henrique que fazia um trabalho com os professores voltado à literatura infantil. Sim, me considero uma leitora, pois estou sempre lendo ou fazendo um curso. E quando gosto de um livro, tento comprar. Sempre conto uma história para as minhas crianças. Um dia teatro, outro dia com livros, em outro momento uma música. Fiz o curso com Christiane. Foi produtivo e pude conhecer várias obras de novos autores que não conhecia. “

Tulia M. C. Ballard - Professora e Mediadora

Qual ou quais dúvidas você tem acerca do livro para as infâncias?

- Sempre fico em dúvida sobre o tema a ser escolhido.

No seu percurso profissional, em que momento ou espaço teve acesso a bons livros e/ou boas informações, conversas, mediação sobre literatura infantil?

- Através de alguns cursos que fiz há alguns anos e capacitação na escola atual.

Você se considera leitor(a), por quê?

- Mais ou menos. Leio menos do que deveria.

Em escolas em que trabalha ou já trabalhou, houve formação voltada para literatura? Foi relevante? Por quê?

- Sim. Sempre é relevante, porque é uma oportunidade de entendermos esse universo tão rico em possibilidades.

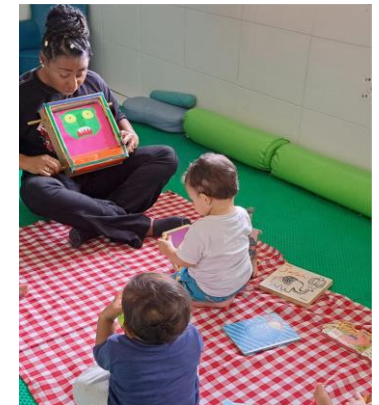
Gostaria de relatar uma experiência positiva com as crianças? Já fez algum curso voltado para esse tema?

- Sim, no Ateliê Literário, com Christiane Azeredo.

Rosane Braga
Coordenadora Pedagógica – Fundamental I

“Enquanto coordenadora Pedagógica e estando numa escola que entende a leitura como parte fundamental na formação dos alunos, percebi a necessidade de me alinhar e buscar tais informações. Considero ainda que o acesso a bons livros e o olhar mais sensível para literatura infantil surgiu com estímulo e incentivo da Diretora Pedagógica Christiane Azeredo que frequentemente traz para a formação da equipe e fomenta em cada um de nós o interesse para os livros e para uma boa leitura. Em nossas capacitações, é comum fazermos seleções de títulos, apreciarmos imagens e estudarmos sobre as técnicas utilizadas pelos escritores e ilustradores a fim de aprimorar nosso olhar. As narrativas apresentadas por ela, Christiane, são sempre acompanhadas de boas interpretações e surgem como um convite, um mergulho no mundo da imaginação que aguça e sensibiliza os educadores que, a partir dessa imersão, buscam aprofundar o assunto e também criar sua própria coleção. Muitas das professoras que estão hoje trabalhando na Escola têm seus conhecimentos sobre a literatura infantil trazidos por ela. Uma contadora, especialista em livros e histórias que nos seduz e traz a luz para o tema. O projeto Ciranda de livros que acontece na Escola é muito importante e confirma o interesse que as crianças têm pela leitura desde a mais tenra idade. Na Creche, segmento acompanhado por mim, nas sextas-feiras em que os livros vão para casa é unânime o desejo das crianças pela escolha do título e ainda a motivação para levá-lo para casa. Imagina ter um tempo de leitura juntamente à família? Os pequenos adoram. A seleção desses títulos acontece de forma criteriosa pela equipe, onde as ilustrações, os tamanhos, a maleabilidade do livro, a faixa etária são pensados, assim como cada vez mais vamos refinando nosso olhar. Desta forma, conhecemos os autores, editoras, identificamos as coleções que se alinham à nossa prática, entendendo a relevância da literatura infantil.”

Francine Brunet,
Coordenadora Pedagógica - Creche



Fotos dos bebês das turmas do Berçário e do Maternal da Me ninar Creche Escola, Niterói, RJ, apreciando os livros e ouvindo histórias com a mediação de educadores, nas salas e no quintal da Creche.



Nessas e nas demais respostas que obtive e em outras conversas e observações junto aos educadores com os quais tive a oportunidade de trabalhar e conviver, encontro eco à afirmativa que fiz anteriormente de que se a escola não considerar uma de suas prioridades a leitura literária e a formação leitora dos educadores e dos alunos, seja nos âmbitos público ou privado, institucional ou individual, pouco tempo e investimento serão dedicados à leitura e democratização do acesso aos livros de literatura para as infâncias. Consequentemente, haverá empobrecimento de boas referências e diversidade, além de limitado acesso à mediação de qualidade.

Em seu livro *O direito de ler e de escrever*⁸, da Editora Pulo do Gato, a bibliotecária, autora e editora colombiana Silvia Castrillón comenta sobre avanços na discussão sobre as políticas que a sociedade colombiana necessita para garantir o acesso à cultura escrita como um direito cidadão, e menciona algumas conclusões surgidas nos debates em diversos encontros nacionais e regionais. Transcrevo, a seguir, algumas dessas conclusões que vão ao encontro do que reafirmei acima. Apesar desse debate referir-se à sociedade colombiana, favorece e é pertinente também à nossa realidade.

“ Em primeiro lugar, e sem dúvida a mais importante condição, é o investimento de esforços para melhorar a formação dos docentes. O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim, por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade da reflexão e do debate. Formação que lhes permita romper com a tradição de ensinar como aprenderam. Professores também formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever.” (CASTRILLÓN, 2011, p.24)

Silvia Castrillón prossegue em seu texto citando em segundo lugar a necessidade da escola estar bem equipada com livros e materiais impressos que “permitam que a escola se converta numa “comunidade de leitores e escritores”(LERNER, 2001)* e possa adiantar, dentro de todos os seus espaços, práticas de leitura e de escrita que se assemelhem às que a sociedade realiza com a linguagem escrita.” Cita também a atenção e reflexão em relação à gestão do tempo dentro da escola: “Alunos e professores necessitam de tempo para a leitura, para a reflexão e para o debate, mais tempo para o pensamento e menos para a ação.” A autora ainda complementa que, em relação às bibliotecas públicas, nos debates realizados levantou-se a necessidade de que essas sejam “construídas a partir de projetos das próprias comunidades, que sirvam a seus propósitos, que se convertam em verdadeiros mecanismos de acesso à cultura letrada e, portanto, que permitam democratizar esse acesso, o que significa chegar a toda a população e não de maneira exclusiva à escolarizada.”(CASTRILLÓN, 2011, p.25)

Considero as conclusões citadas pela autora de suma relevância na reflexão, nos debates e ações públicas e privadas voltadas para a formação leitora e democratização do acesso ao livro nas sociedades de uma forma geral. Partilho também dessa expectativa, com a intenção de embasar minhas reflexões e ações, mesmo que dirigidas a um limitado número de pessoas, junto à comunidade da qual faço parte.

*LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. São Paulo, Editora Artmed, 2002

3.2 - Como a escola pode contribuir para que o acesso à literatura seja assegurado tanto aos educadores como às crianças?

Vislumbrando o educador como um mediador potente que possibilitará uma interação de qualidade das crianças com os livros, a leitura e a escrita, é fundamental que o acesso à literatura de qualidade deva ser assegurado também a esse adulto, em formação contínua, que precisa nutrir-se de boas obras para que seja ele, primeiramente, mobilizado internamente, transformado, e tenha seu repertório literário ampliado. Com esse objetivo, cabe à escola ser espaço de formação progressiva desse educador para que ele, enquanto leitor experiente, sirva de ponte para a formação leitora das crianças. No livro *Ler antes de saber ler*⁹, as autoras Ana Carolina Carvalho e Josca Ailine Baroukh afirmam que “os professores escolhem a partir do que conhecem, dos livros que já leram – enfim, a partir de sua experiência leitora - , mas também por indicações dos divulgadores de editoras, por orientações da escola, pelas trocas com outros professores. Embora a escolha dos livros possa se dar por muitos caminhos, entendemos que o fato de o professor ser leitor e conhecer títulos variados é um elemento crucial para que o leque de livros sugeridos possa se ampliar.”(CARVALHO & BAROUKH, 2018, p.100)

Em acordo com esses princípios e com o intuito de mostrar uma forma de colocá-los em prática, relato a seguir parte das minhas ações junto à equipe de professores da Escola em que atuo há 20 anos como Diretora Pedagógica, a Me ninar Creche Escola, Niterói, RJ, com a intenção de favorecer essa “experiência leitora”(CARVALHO & BAROUKH, 2018)¹⁰ e consequente ampliação da formação dos educadores.

Responsável pela formação em contexto e continuada dos professores do Maternal ao 5º ano, realizo semanalmente 1 encontro de 1h a 1h30min, durante todo o ano letivo, separadamente, com cada segmento (Creche, Educação Infantil e Fundamental I). Nesses encontros são realizadas leituras, conversas, estudos, reflexões, oficinas, partindo da nossa prática cotidiana, incluindo temas nesse percurso de acordo com as necessidades e interesses da nossa comunidade escolar, alternando as áreas do conhecimento e do desenvolvimento infantil. As artes plásticas, a leitura literária , a escrita e o brincar são, dentre os temas estudados, prioridades que anualmente nos aprofundamos, visando também ampliar o conhecimento teórico nessas áreas.

Fortalecendo e embasando nossas escolhas e ações voltadas para o trabalho de formação leitora e escritora dos nossos alunos, a leitura literária e a expressão escrita, há alguns anos vêm sendo foco de atenção e estudo de forma contínua e progressiva. Na programação dessa formação, períodos são dedicados à leitura e apreciação de obras de diferentes autores, ilustradores, editoras, temas e gêneros, assim como a aquisição da leitura e da escrita e produção textual.

Com esse programa de estudo, asseguramos a escola como um espaço democrático de acesso à leitura aos educadores e, juntos, pensamos e planejamos ações que envolvem propostas de leitura mediada pelas professoras, pelos familiares e momentos de leitura autônoma pelas próprias crianças no decorrer do ano letivo, pensando num currículo literário que favoreça experiências estéticas distintas, continuidade, diversidade, progressão e acesso ao imaginário compartilhado de uma cultura. Exemplifico algumas dessas ações a seguir.

- **Ciranda de livros**: para cada turma, são selecionados títulos que não se repetem nas séries subsequentes, indicando um livro para ser adquirido por família e que será parte de uma biblioteca circulante. Semanalmente ou quinzenalmente, cada aluno leva para casa um título que compõe a Ciranda da sua turma. Essa leitura é mediada pela família ou feita com autonomia pela própria criança. Abrange as turmas dos bebês aos de 11 anos de idade.

Ciranda de Livros -
Creche 2022



Ciranda
de
Livros
1º ano
2023



<https://www.instagram.com/p/CsGzTZ-LXzt/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng==>



- **Leitura Compartilhada** (a partir do 1º ano do Ensino Fundamental): para cada série escolar, são indicados três títulos distintos que serão adquiridos por todas as crianças e lidos pela professora regente ou um convidado da Equipe (leitor(a) experiente), um livro por período (equivalente a intervalos de três meses); cada aluno acompanha a leitura com seu livro em mãos. Esses livros são lidos na hora da leitura diária ou alternadamente no tempo previsto no quadro de horário semanal. Rodas de conversas sobre os capítulos ou sobre os contos acontecem no decorrer desses períodos.

Dramatização a partir da leitura compartilhada do livro As invenções de Hugo Cabret – Turma: 4º ano -2021



https://www.instagram.com/p/CgAb_XVrYUo/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==



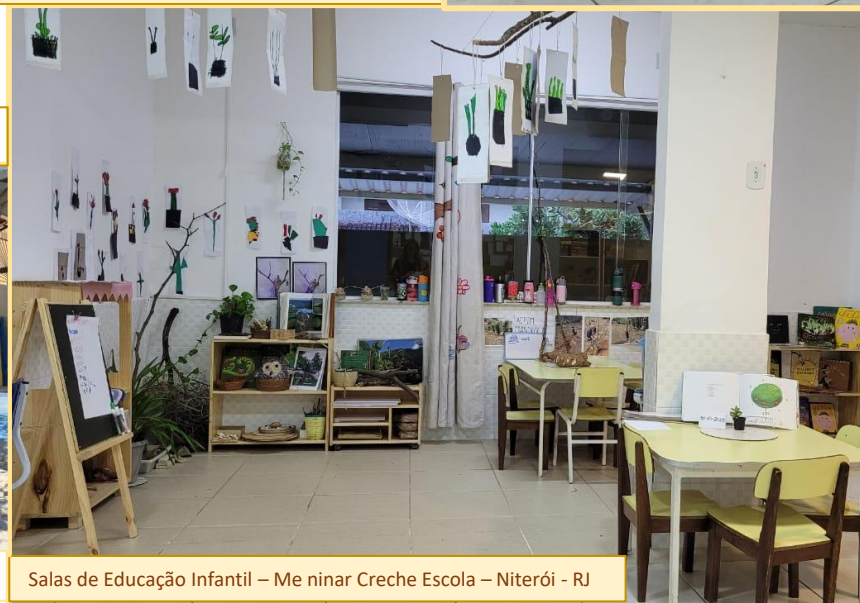
https://www.instagram.com/p/B9ZRCQ3BUx_/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D



me_ninar Início da leitura compartilhada das turmas do 5º ano. O livro adotado é: O menino do dedo verde, do autor francês Maurice Druon.



- **Biblioteca de classe:** toda sala de aula tem um espaço reservado para uma biblioteca com títulos adquiridos pela escola para que as crianças possam buscar para ler em momentos que desejar como também se reunirem com a professora para uma leitura em roda. Nas turmas da Creche/ Educação Infantil e 1º ano tem uma roda de história por dia, pelo menos. Essa roda acontece fora ou dentro da sala referência.



- **Sala de Leitura:** além de ser um espaço com títulos que podem ser requisitados para empréstimo e para abastecer as bibliotecas de classe, é organizado pela mediadora de leitura para receber os grupos, em horários estabelecidos como uma aula especializada (1 tempo semanal para as turmas do Maternal ao 2º ano do Fundamental). Durante esse tempo, a mediadora realiza uma leitura, contação ou proposta voltada para a literatura, e também disponibiliza um tempo para as crianças explorarem o espaço e o acervo. As leituras também acontecem em diferentes espaços da Escola.



 **me_ninar**
Me ninar Creche Escola



https://www.instagram.com/p/B9m_HIKhUh3/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng==

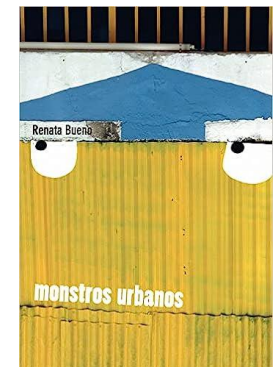
MOSTRA ARTE E EXPRESSÃO – Um evento que acontece anualmente, em novembro, que recebe as famílias para apreciarem alguns dos projetos mais relevantes desenvolvidos com as crianças no decorrer do ano letivo, envolvendo LITERATURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ARTES PLÁSTICAS.



MOSTRA ARTE E EXPRESSÃO – 2023
Me ninar Creche Escola



Livros escritos e ilustrados por alunos do 5º ano inspirados na leitura de várias versões do conto Chapeuzinho Vermelho.

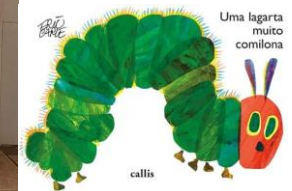


Tendo como referência o livro Monstros Urbanos, de Renata Bueno, da Editora WMF Martins Fontes, as crianças do 2º ano criaram Monstros Urbanos da Natureza.

Mural do personagem – Inspirado na leitura do livro O BGA

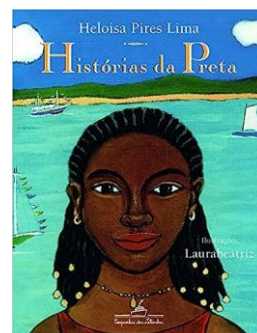


Livros elaborados pelas crianças do 1º ano com ilustração e descrição dos personagens mitológicos. Proposta realizada a partir da leitura compartilhada do livro Mitos Gregos.



Espaço dedicado à Lagarta muito comilona – memória das vivências

Indicações literárias dos livros lidos na Ciranda de livros elaboradas pelas crianças do 2º ano



Tendo como referência o livro da Leitura Compartilhada Histórias da Preta, de Heloisa Pires Lima, o continente africano e a vida de Nelson Mandela foram temas de pesquisa e inspiração para as produções da turma do 3º ano.



3.3 – Da vivência à partilha

Junto aos professores, estabelecer programas de formação voltados para a leitura literária é fundamental para atingir o objetivo de assegurar o acesso ao livro, à formação leitora e ampliação das formas de ver e interagir com o mundo, o que interfere fortemente nas formas de mediação de leitura. Venho atuando na área da formação em escolas e, em 2022, criei o @literartemaia, Ateliê Literário, no Instagram, incentivada pela família, por colegas e professores da Pós O livro para a Infância e também pela pesquisadora na área Anna Luiza Guimarães, ex-aluna e professora da Pós, que coordenou o curso on-line *Quem é o livreiro do século XXI ?*, na Casa Tombada. Nesse curso, pude refletir, em parceria com ela e com o grupo de alunos, situações diversas de venda, divulgação, distribuição de livros, e também conhecer um pouco da sua trajetória como livreira e fundadora da Biblioteca Amarela. Fui encorajada a iniciar esse projeto de formação e acesso ao livro para as infâncias para um maior número de pessoas como ponto de partida para outros sonhos, como fundar uma biblioteca comunitária no bairro onde moro, Engenho do Mato, Niterói, RJ. O primeiro Ateliê Literário chegou a vinte participantes, Havia participado também do curso on-line com a pedagoga, educadora, pesquisadora Ananda Luz e Lolla Angelucci, ilustradora e também pesquisadora do livro para infância, com foco na literatura antirracista, e passei a investir em livros com protagonismo negro com o intuito de ampliar minha biblioteca pessoal com títulos para que eu pudesse me repertoriar, me mobilizar internamente e partilhar boas escolhas com os professores nas formações coordenadas por mim. Já vinha há alguns anos conhecendo livros escritos por Heloisa Pires Lima, inclusive adotando um deles, *Histórias da Preta*, na Leitura Compartilhada na escola em que sou Diretora Pedagógica, e tive o privilégio de conhecê-la no curso da Pós do Livro para a infância, como também outros escritores e contadores que me nutriram com suas histórias de vida e narrativas literárias. Relato posteriormente algumas dessas experiências que vivi e desenvolvi nas formações a partir dessas e outras importantes referências.



INSCRIÇÕES ABERTAS

Ateliê literário

Curso de desenvolvimento profissional



"É no envolvimento do dia a dia que a vida se faz, que as narrativas existem, na busca de sentidos que impregnam cada coisa, os objetos à nossa volta, as histórias que partilhamos, os livros que lemos"
Stela Barbieri

Christiane Maia Azeredo
Pedagoga, Fonoaudióloga, Psicopedagoga.
Especialização em Arte- Educação - PUC/RJ
Pesquisadora do Livro para a Infância (Pós-graduação Livro para a Infância, Casa Tombada/ SP)

SAIBA MAIS EM
(21)99765-1025
@literartemaia
chrismiater.com.br



INFORMAÇÕES

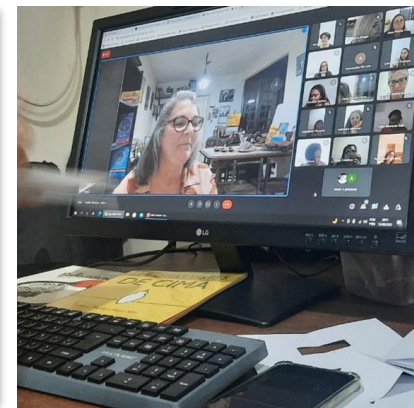
Ateliê literário

Serão encontros de mediação de leitura com tempo para a análise estética literária, boas conversas e ateliê atravessado por diferentes linguagens.

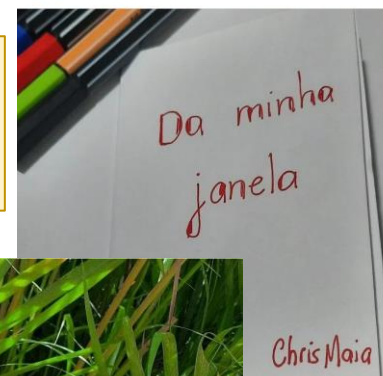
Início do curso: 15/08
Primeira sessão no meet às 20:00

@literartemaia

E mais uma janela se abre...



@literartemaia
espaço e tempo
para encontros
com a Arte





Encontros de formação continuada no
Remanso Fraterno - Núcleo Educacional e
de Promoção Social Niterói – RJ

Tema: Literatura Antirracista

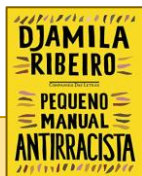


Os professores autorizaram o uso das imagens neste trabalho de conclusão de curso.

Em reuniões pedagógicas na Escola em que atuo como formadora e diretora pedagógica, a partir de leituras e discussões, havia refletido com a equipe acerca do racismo estrutural, da invisibilidade do negro na sociedade em papéis de destaque e reconhecimento, além da ausência do protagonismo negro na literatura. A resenha de livros para a infância foi também tema de estudo com os professores para posterior trabalho de produção textual com as crianças.

Inspirada na experiência que vivi em uma das aulas na Pós com a professora Cristiane Rogerio, que também atua como crítica literária e jornalista na Revista Crescer, planejei e realizei encontros com a minha equipe trazendo as resenhas afetivas como tema de estudo. Em aula, a professora Cristiane Rogerio abordou esse tema, compartilhou um de seus textos desse gênero, e nos propôs a produção de uma resenha afetiva como exercício. Vivi e senti a emoção da escrita referente à memória afetiva gerada por uma leitura que atravessou minha história de vida num determinado tempo e lugar. Considerando a potência desse exercício criado pela professora Cristiane Rogerio, também o propus à minha equipe de professores. Dentre as resenhas afetivas elaboradas, reproduzo a seguir a da pedagoga Francine Pessoa, professora atualmente da turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Me ninar Creche Escola, com anos de atuação na área. Seu texto me emociona e a todo o grupo, durante sua leitura no encontro reservado para a partilha de todas as produções da equipe. Após um período refletindo coletivamente sobre o racismo estrutural, como disse acima, e sempre trazendo a literatura para nossas conversas e leituras, a resenha afetiva da Francine e o livro que escolheu foi uma costura que fortaleceu ainda mais a importância de darmos continuidade ao estudo sobre esses temas em nossa formação como educadores e mediadores de leitura.

Resenha afetiva do livro *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro, Editora Companhia das Letras, elaborada pela pedagoga Francine Pessoa



*"Não leia este livro", diria um senhor da casa grande em tempos de escravidão. Pensando melhor, esta fala não seria possível neste contexto, pois quem ousaria publicar em um livro um texto tão "agressivo", que ofende e acusa os senhorios que "construíram" na força de outros braços o nosso vasto País? Não, espera... Refletindo mais uma vez, poderia até ser a escrita de um cômico romance no estilo europeu, daqueles que até as mais populares princesas da Disney teriam inveja, mas a cor da pele e a feminilidade da escritora...É... Não tem jeito! Mais uma vez não passaria pelas correntes de nosso passado...A nossa história foi registrada do ponto de vista dos "vencedores" - escreve Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, da Editora Companhia das Letras.*

Pequeno Manual Antirracista é um ensaio da filósofa, professora e militante feminista e antirracista brasileira Djamila Ribeiro, lançado em 2019 pela editora Companhia das Letras. Na obra, a filósofa defende que o racismo é um desafio para toda a sociedade brasileira devido ao passado escravocrata que o país possui. É um debate estrutural sobre a relação entre a escravidão e o racismo, dentro de uma perspectiva histórica. O escolhi para esta resenha não apenas porque é uma defesa à minha ancestralidade ou ao que a cor da minha pele representa na sociedade atual, mas pelo confronto ao que eu produzi e reproduzi a respeito da minha identidade, desde a minha infância. Vivemos e reproduzimos uma estrutura que cria desigualdades e abismos. Talvez este fato tenha bloqueado coletivamente o exercício da verdadeira empatia a respeito deste tipo de assunto. Eu entendo, bloqueou o meu também. Mas compreender o racismo e a necessidade do antirracismo não é uma tarefa fácil. Como disse a pesquisadora Joice Berth, "Não me descobri negra. Fui acusada de sê-la". E por conta disso posso até entender o grande incômodo de quem é acusado de racismo, não por causa de uma atitude equivocada ou simples fala pontual, mas por apenas ser um reprodutor de uma estrutura que muitas vezes também lhe foi imposta." O racismo é um sistema de opressão que nega direitos. E não um simples ato da vontade de um indivíduo." Djamila mostra que o nosso silêncio é cúmplice da violência. (continua)

A vida real e o entretenimento reforçam e normatizam os estereótipos do bêbado, do bandido, da empregada doméstica, da gostosona, do homossexual promíscuo, além da inalcançabilidade dos grandes e bem remunerados cargos por pessoas negras. É impossível se intitular não racista tendo sido criado numa sociedade racista.

Encontrei nesta leitura o entendimento para sentimentos e angústias que nunca consegui externar ou explicar. A gente vê, ouve, reproduz, mas o coração sempre acusa quando está errado. Acontece o tempo todo. Não me atrevo dizer que as experiências da autora são coincidentemente parecidas com as da minha infância. Os relatos reafirmam que ainda hoje somos escravizados pela estrutura do nosso sistema social. Apesar de nos impactar de diferentes maneiras, não somos "casos isolados".

A autora ressaltou o peso do meu cansaço de tentar esquecer as feridas, muitas feitas pela minha própria mãe, além do esforço sobrenatural que se faz para de fato curá-las. Palavras que dilaceram em dobro, quando proferidas aos seus descendentes: "Tem que puxar esse nariz todos os dias pra ficar mais fino." "Ainda bem que o cabelo não está tão crespo ainda." "Que bom que não puxou o tom mais escuro da pele do pai." "Ela é escurinha, mas é tão lindinha..." Ouvi estas frases de pessoas que sempre quiseram "o meu bem". O racismo está em nós e nas pessoas que amamos. E nestas páginas estão uma intimação para o reconhecimento e o combate à opressão.

Enquanto educadora, este livro também me fez repensar em minha atuação em um espaço completamente privilegiado, onde crianças brancas entendem o mundo dentro de suas perspectivas que diferem de mais de 50% da realidade social (já que 54% da população é negra, segundo o IBGE em 2020), e acabam acreditando que a sua forma de vida é a única possível. É nossa responsabilidade garantir um futuro melhor para qualquer criança, independentemente de cor ou posição social.

Concluo este trabalho destacando desta leitura a seguinte pergunta: "O que de fato cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista?"

Francine Pessoa - Professora

Como o que nos atravessa, transforma-nos e o que a gente aprende de forma significativa gera desejo de partilha e potencializa nossas ações, reproduzo a seguir um exercício de escrita proposto pela coordenadora e professora Camila Feltre no decorrer da Pós O livro para a infância, que consiste na produção de uma carta a partir da experiência de criação de um livro, após a vivência em uma oficina realizada com ela durante uma das aulas do curso.

CARTA SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE LIVROS

Niterói, 13 de agosto de 2022

Oi, Camila. Tudo bem?

Quero compartilhar com você o meu processo de criação do livro.

Fiquei inspirada com os encontros com Edith Derdyk e também com você. Logo que propôs a produção, veio o desejo de usar barbante para trazer a materialidade das linhas com suas tramas, flexibilidade e possibilidade de atar e desatar nós no percurso. Como suporte, usei o papel A3, 120gr, nas cores vermelha e preta. Talvez ainda inspirada pelo livro Vermelho, de Maria Tereza e Andrés Sandoval.

As suas mãos e as imagens das mãos das pessoas das fotos e da turma do Infinito também me encantaram.

Enquanto fazia as dobras e os cortes no papel, furos e rasgos, um texto poético foi fluindo na minha mente. Errei na dosagem da cola, bordas ficaram um pouco fora da medida, mas o livro surgiu junto às palavras faladas. Quase não deu tempo de mostrar, pensei em deixar para o encontro seguinte, mas você deu um jeito de me encaixar no final. Sua sugestão de um livro com a minha voz reverberou em mim.

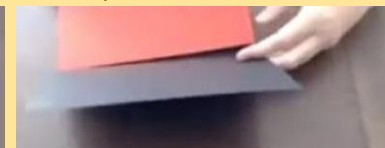


Voltei posteriormente ao vídeo da aula, fiz prints das minhas mãos confeccionando o livro e gravei o que falei, pois já tinha esquecido algumas das palavras ditas. Resisti um pouco em manter o mesmo livro, comprei linha encerada, agulha e furador de papel para tentar algo esteticamente mais elaborado.

Passei a tarde tentando hoje, mas não consegui reproduzir o original. Preferi, então, permanecer com ele. Gravei o texto junto ao filme passando as páginas. O som não está saindo, assim que resolver esse problema, vou postar na plataforma para você ver e ouvir. Será que vai gostar? Quero saber, ok?

Finalizo esta carta admitindo que é grande o desafio de produzir um livro, mas o percurso para chegar ao final, mesmo imperfeito, foi muito bom. Obrigada pela provocação.

Forte abraço,
Chris Maia.



Turma do Infinito
Oficina de criação do livro
com Camila Feltre



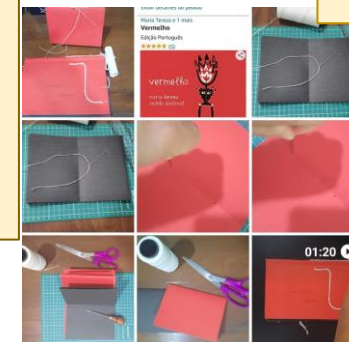
A oficina que participei com a professora Camila Feltre e o processo de criação do livro foram significativos e relevantes no meu percurso de formação e foi estímulo para algumas das minhas ações como educadora e formadora. Como exemplo, no segundo semestre de 2022, na Me ninar Escola, realizei uma oficina literária com os alunos de uma turma de 5º ano, na qual fiz a leitura de diferentes versões de Chapeuzinho Vermelho, apreciação e comparação de elementos estéticos dos livros e os alunos deram início do processo de criação de um pequeno livro.

Considero esse um exemplo da homologia de processos*, onde a vivência que tive como aluna favoreceu a minha prática posteriormente como educadora.

* “A **homologia de processos**, termo cunhado pelo pedagogo estadunidense Donald Schön, propõe aproximar a formação vivida pelos docentes à forma com que eles vão trabalhar com os estudantes em sala. “Schön defende a ideia de que é necessário que o professor vivencie, durante o processo de formação, atitudes, valores, procedimentos e modos de organização que, de alguma maneira, reflitam na sua prática pedagógica”, explica Lucinha Magalhães, especialista em coordenação pedagógica e gestão educacional e escolar da Comunidade Educativa CEDAC. (<https://novaescola.org.br/conteudo/20167/o-que-e-homologia-de-processos-e-como-utiliza-la-na-formacao-para-o-ensino-hibrido>)



Turma do Infinito
Oficina de criação do
livro com Camila
Feltre



Meu processo
de criação do
livro Começos,
que se
transformou
em audiolivro

Oficina literária que
realizei com a turma
do 5º ano.

**O que é preciso para
ser um livro?**

- Apreciação de livros
com tamanhos e
formatos diferentes
- Leitura de versões
diferentes do conto
Chapeuzinho
Vermelho
- Construção
individual de um Zine
(livro pequeno feito a
partir de dobradura)



me_ninar
Me ninar Creche Escola



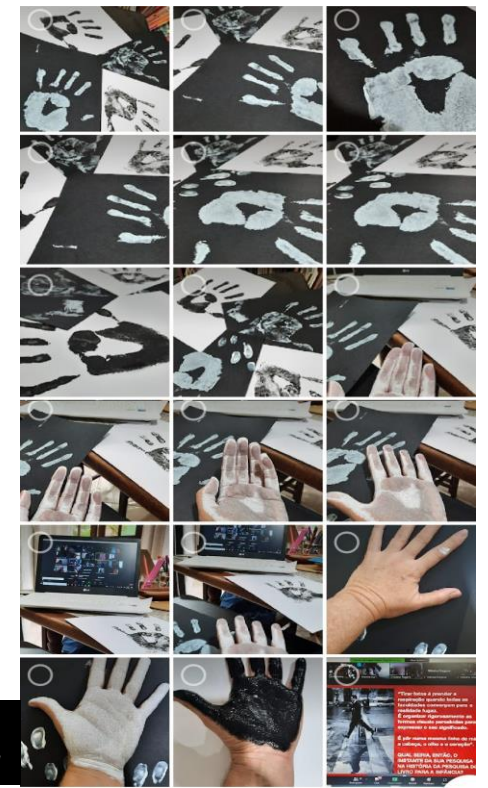
me_ninar O que é preciso para ser um
livro?

Foi essa a pergunta de hoje para os
alunos do 5º ano durante a roda de
leitura e apreciação da literatura infantil.

https://www.instagram.com/p/Chk_9UgLZAV/?igshid=MTc4MmM1Ym12Ng==

4

Um final que emerge como começo



Entre o visível e o invisível
Chris Maia



Foto: Instante vivido na Pós

4- Final ou recomeço?

“se quer me cutucar
o invisível vira vento

quando conversa comigo
tem voz de pensamento

às vezes me assusta
disfarçado de fantasma

e certos dias me encanta
fazendo mágica de fada

invisível é assim:
feito os anjos e o tempo

só vê quem sabe olhar
com os olhos de dentro”

Silvana Tavano & Adriana Fernandes,
em A poesia das coisas¹⁰, SESI-SP EDITORA, 2017

O percurso da vida não revela o invisível. Talvez nunca saibamos dizer o que realmente veio antes, durante ou depois. Onde foi o começo, quando chegamos ao meio, quanto tempo falta para o final? Existe término? Ou o fim é um diferente recomeço? É visível o quanto crescemos, o quanto ganhamos, o quanto perdemos?

Difícil tarefa essa de ver com os olhos de dentro e existir com os olhos de fora.

Como escrever sobre como sou hoje após ter vivido mais uma etapa na minha formação? Quais transformações ocorreram e ainda vêm ocorrendo depois que meu olhar, meu corpo, meus sentimentos, saberes e dizeres se ampliaram com a interação com outras vozes, visões e pensamentos?

Perguntas existem e continuarão a existir sempre, esse é meu desejo; aprendi e fui incentivada a perguntar, mais do que responder, e agradeço aos meus pais e à minha infância bem vivida por isso. Se no início deste Trabalho de Conclusão do Curso da Pós do Livro para a Infância fui provocada a olhar para dentro e para fora do meu percurso, dos meus desejos e sonhos, ao término me vejo transformada e, melhor, em transformação. Foram muitos recomeços nesse vai e vem de escrita/pensamento. Os sonhos de antes permanecem, algumas ações continuadas, outras iniciadas, e algumas por vir que precisam de maior disposição física, energia e esperança para colocar em prática.

Sinto-me mais fortalecida como leitora e mediadora de leitura, com a escuta ainda mais atenta e o olhar ampliado para o mundo diverso e plural ao qual faço parte. Mundo esse retratado no meu entorno por pessoas que, assim como eu, necessitam abrir-se para as relações, interações, leituras, observações, na busca de alargar os modos de ver, escutar, ler e compreender a si próprio, o outro e o mundo.

Tenho muito a caminhar e aprender, mas considero que nos passos dados, na maioria deles em ótimas companhias, fui compartilhando saberes e realizando ações que propiciaram a mim e aos que convivi e convivo acesso a boas leituras, conversas, apreciações críticas e estéticas a partir da literatura. Neste percurso, trago na mala alguns princípios que me fortaleceram e que não abro mão de embasarem as minhas ações: resistência a uma História contada por uma única voz, valorização do sensível e da pluralidade que constitui a cultura e existência humana, promoção de espaços e tempos para a leitura literária, para a escuta e diferentes formas de expressão. Acredito que dei partida ao meu ideal de contribuir para mudanças em mim e no meu entorno. As ações que iniciei e pretendo ampliar podem ser pequenas sementes, mas creio que a partir de cada livro que partilhei, e todos os outros que farei circular, conversas e pensamentos adubarão a terra de todos nós e fortalecerão nossas raízes, com o desejo coletivo de construir um mundo melhor.

4.2- E a minha história já não é mais minha, é nossa

O que vivi como aprendiz junto à Turma do Infinito, Turma 8 da Pós do Livro para a Infância, na Casa Tombada, nutriu e nutrirá para sempre meus sonhos, ideais e projetos.

Passei por processos de acesso, mediação e criação; ouvi histórias, apreciei obras e estive com artistas da literatura, fui provocada a refletir, escrever e ler.

Corpo, mente e emoção estiveram juntos no meu processo de aprendizagem e expressão. Percurso vivido em parceria, construído a muitas mãos.

Da janela de casa às janelas da tela.

Minha Casa ganhou espaço habitando também a Casa Tombada.

E a minha história já não é mais minha, é nossa.

Obrigada, Cris Rogério, Camila Feltre, Ananda Luz, Anna Luiza, Mariana Amargos, todos os professores, artistas e pesquisadores da Literatura para as Infâncias da Casa Tombada e amigos da Turma do Infinito por trilharem de mãos dadas comigo este caminho transformador da Pós-graduação **O livro para infância: processos de criação, mediação e circulação.**

Minha admiração e carinho,

Christiane Maia Azeredo

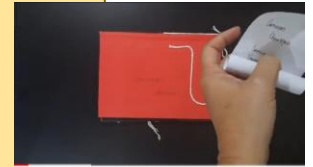
@literartemaia

16/06/2023

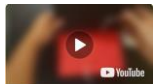
Começos

*Começo
Vazando o espaço
Ganho tempo
Crio raiz
Dou nó
Abro janelas
Busco caminhos
Novos encontros
Com a liberdade de não ter fim.*

Chris Maia



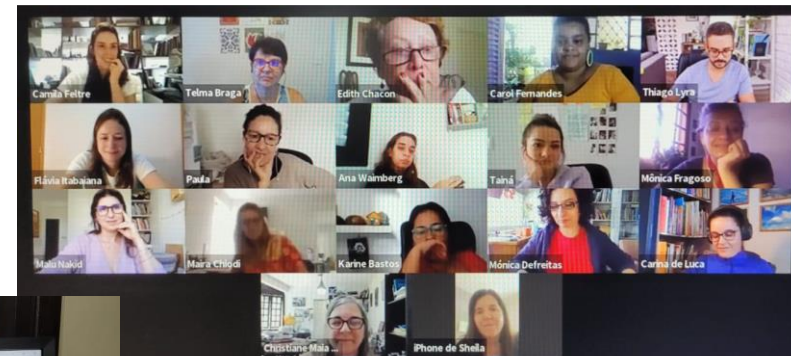
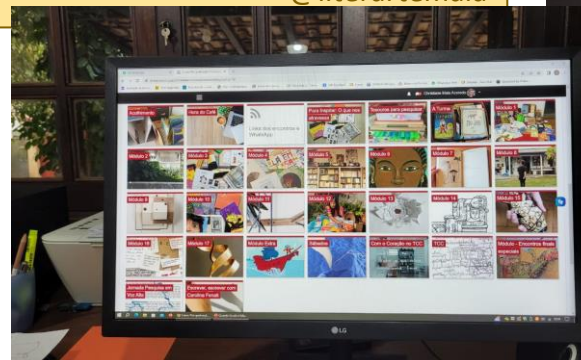
Começos.



Começos.
www.youtube.com

Audiolivro <https://youtu.be/J916PCTUG4I>

<https://youtu.be/J916PCTUG4I> 15:51 ✓



REFERÊNCIAS QUE ME ACOMPANHARAM

⁷ BARBIERI, Stela . Territórios da invenção: ateliê em movimento / Stela Barbieri – 1.ed – São Paulo: Jujuba, 2021

³ BUCHHOLZ, Quint . *Na Terra dos Livros* / Quint Buchholz; tradução Claudia Cavalcanti – 1. ed – São Paulo: Panda Books, 2019

¹⁰ CARVALHO, Ana Carolina . Ler antes de saber ler: oito mitos literários sobre a leitura literária / Ana Carolina Carvalho, Josca Ailine Baroukh – 1.ed – São Paulo: Panda Books. 2018

CARVALHO, CRISTIANE ROGERIO. O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa. Dissertação de Mestrado em Artes, UNESP – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2022.

⁹ CASTRILLÓN, Silvia . O direito de ler e escrever – Tradução Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato. 2011

⁴ CHRISTOV, Luiza Helena da Silva . Caminhos, cuidados e perguntas de uma perspectiva plural para a palavra infância - Simpósio Internacional – formação de educadores em arte e pedagogia - Anais - São Paulo - 2015

¹ COLL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana; ONRUBIA, Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. O construtivismo na sala de aula -São Paulo- Editora Ática – 1998

FERREIRA, Ananda da Luz; NASCIMENTO, Roberta Bezerra. (Lolla Angelucci). Por um fazer cotidiano: educação antirracista e os livros para infância. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação. A Casa Tombada, polo FACCONET –SP, 2022.

⁶ FREIRE, Paulo – 1921-1997 . Alfabetização; leitura do mundo, leitura da palavra / Paulo Freire, Donaldo Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2022

⁵ LÓPEZ, María Emilia . Um mundo aberto: cultura e primeira infância / Maria Emilia López; tradução de Cícero Oliveira – 1ed. – São Paulo: Instituto Emília, 2018

² RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender/ Carla Rinaldi: tradução Vania Cury – 2.ed – São Paulo: Paz e Terra. 2014

¹¹TAVANO, Silvana; FERNANDES, Adriana. A poesia das coisas- São Paulo: SESI-SP editora, 2017